ISSN: 2358-8829

EDUCAÇÃO, TERRITÓRIO E TRAJETÓRIA FORMATIVA NA AMAZÔNIA: DESAFIOS E RESISTÊNCIAS

Michael Ranner Dias Monteiro[1]
Cristiane Martins Evangelista[2]
Lucio Fernandes Ferreira[3]
Cleverton José Farias de Souza[4]

INTRODUÇÃO

Discutir a educação na Amazônia exige reconhecer que os processos educativos estão profundamente atravessados por condicionantes históricos, territoriais, culturais e sociais. A região amazônica apresenta singularidades que a distinguem de outras partes do país, especialmente no que se refere às grandes distâncias geográficas, às dificuldades de mobilidade, à diversidade cultural e às desigualdades no acesso às políticas públicas educacionais (COLARES, 2011; COLARES; COLARES, 2011). Como observam Silva, Rabelo e Mafra (2017), a educação amazônica foi historicamente pensada a partir de modelos externos, que desconsideraram as especificidades regionais e tendem a distanciar as propostas formativas da realidade vivida pelos sujeitos do território.

Nesse contexto, este trabalho assume como ponto de partida o lugar de fala de um sujeito formado no interior do Amazonas, cuja trajetória educacional percorreu os municípios de Alvarães, Manaus, Presidente Figueiredo e Parintins. Tal percurso foi construído em meio a restrições estruturais, mas também a práticas corporais e culturais que se configuraram como importantes espaços formativos. A experiência individual do autor permite, assim, observar em escala concreta questões que atravessam a educação regional como um todo.

A justificativa do estudo reside na necessidade de dar visibilidade a trajetórias formativas construídas fora dos grandes centros urbanos, nas quais o acesso à escolarização depende de deslocamentos, de redes familiares e de iniciativas institucionais nem sempre contínuas. Ao narrar e analisar a própria trajetória, o autor contribui para a compreensão de como as desigualdades territoriais se expressam na vida dos sujeitos e de como estes, ao longo do tempo, constroem estratégias de permanência e de resistência. Além disso, a experiência

[1]Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, ranner.hbs@gmail.com;
[2]Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, martins.evangelista@ufam.edu.br;
[3]Profº Doutor da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, lucciofer@ufam.edu.br
[4]Profº Orientador: Doutor, do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, cleverton@ufam.edu.br

articula três dimensões que merecem ser analisadas em conjunto: o ensino técnico e superior no interior, a Educação Física como campo pedagógico e a docência na zona rural.

Diante disso, o objetivo geral é analisar a trajetória formativa e profissional do autor, a fim de discutir os desafios e as resistências que marcam a educação na Amazônia. Constituem objetivos específicos: descrever o percurso escolar e as dificuldades de acesso à educação básica, técnica e superior; compreender o papel da família e das práticas corporais na constituição desse percurso; e examinar a atuação docente na zona rural de Presidente Figueiredo (AM) como espaço de resistência e de reinvenção pedagógica.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza autobiográfica, desenvolvida na forma de relato de experiência e analisada em diálogo com a literatura sobre educação na Amazônia, educação do campo e cultura corporal.

Os resultados foram organizados em cinco categorias analíticas: território e acesso à escolarização; família e valor atribuído à educação; práticas corporais e escolha profissional; universidade, extensão e cientificidade do esporte; e docência na zona rural. A análise indica que o acesso à educação na Amazônia ainda exige do sujeito um espírito desbravador, marcado pela disposição para o deslocamento e para o enfrentamento de desigualdades estruturais, e que a persistência formativa, apoiada na família, em políticas de interiorização e em práticas educativas não formais, constitui uma forma de resistência. Conclui-se que compreender a educação amazônica requer considerar os sujeitos concretos e seus territórios, bem como valorizar os saberes, as culturas e as práticas corporais que sustentam a formação humana na região.

METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza autobiográfica e narrativa, desenvolvida na modalidade de relato de experiência. Essa escolha fundamenta-se na compreensão de que as narrativas de vida possibilitam analisar o processo de formação a partir das experiências vivenciadas pelo sujeito, atribuindo-lhes sentido (JOSSO, 2004), e de que a dimensão pessoal é indissociável da construção da identidade docente (NÓVOA, 1995).

O material empírico provém da memória e da vivência do próprio autor, organizado em ordem cronológica e em torno de cinco momentos: o percurso escolar na educação básica; o

[1]Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, ranner.hbs@gmail.com;
[2]Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, martins.evangelista@ufam.edu.br;
[3]Profº Doutor da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, lucciofer@ufam.edu.br
[4]Profº Orientador: Doutor, do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, cleverton@ufam.edu.br

ISSN: 2358-8829

acesso ao ensino técnico em Manaus; a trajetória educacional da família; a graduação em Educação Física em Parintins, com a participação em projetos de extensão e a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC); e a atuação como professor na zona rural de Presidente Figueiredo. Ressalta-se que a pesquisa realizada no TCC, que empregou o protocolo TGMD-2, é aqui mencionada como parte da trajetória do autor, e não como fonte de dados para esta análise.

A análise ocorreu em duas etapas. Na primeira, os registros narrativos foram organizados em categorias analíticas, definidas a partir da recorrência de temas ao longo da trajetória. Na segunda, cada categoria foi discutida à luz de referenciais selecionados por meio de revisão bibliográfica de caráter narrativo, com destaque para autores que tratam da educação na Amazônia (COLARES, 2011; SILVA; RABELO; MAFRA, 2017), da educação do campo (ARROYO, 2014; HAGE; BARROS, 2010), da pedagogia freireana (FREIRE, 1996) e da cultura corporal (BETTI, 2009).

Quanto aos aspectos éticos, o estudo não envolveu coleta de dados com terceiros, uma vez que se baseia exclusivamente no relato do autor sobre a própria trajetória. As informações referentes a familiares restringem-se ao percurso de escolarização e são apresentadas sem identificação nominal. Não foram utilizadas imagens de pessoas, de modo que não houve necessidade de termo de autorização de uso de imagem. Por esses motivos, o trabalho não foi submetido à apreciação de comitê de ética em pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A discussão sobre a educação na Amazônia ancora-se, em primeiro lugar, na compreensão de que o território não é um simples cenário, mas uma dimensão constitutiva dos processos formativos. Colares (2011) e Colares e Colares (2011) destacam que a educação na região se desenvolveu marcada por singularidades geográficas e pela diversidade cultural de seus povos, o que impõe desafios específicos à oferta e à organização das políticas educacionais. Nessa direção, Silva, Rabelo e Mafra (2017) apontam que os modelos educacionais, frequentemente concebidos fora da região, tendem a desconsiderar tais particularidades, e que o acesso ao ensino superior e à pós-graduação permanece concentrado nos grandes centros urbanos.

[1]Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, ranner.hbs@gmail.com;
[2]Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, martins.evangelista@ufam.edu.br;
[3]Profº Doutor da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, lucciofer@ufam.edu.br
[4]Profº Orientador: Doutor, do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, cleverton@ufam.edu.br

ISSN: 2358-8829

Em diálogo com essa perspectiva, Arroyo (2014) defende que não é possível pensar a educação sem considerar os sujeitos concretos e seus territórios, o que implica reconhecer as condições materiais e culturais em que a escola se insere. Hage e Barros (2010), por sua vez, discutem a educação do campo na Amazônia e evidenciam como as desigualdades regionais afetam o acesso e a permanência dos estudantes na educação básica, sobretudo em áreas rurais e em municípios distantes dos centros urbanos. Cavalcante e Weigel (2002) acrescentam que a necessidade de deslocamento para a continuidade dos estudos, com seus custos financeiros e o afastamento familiar, constitui fator recorrente de evasão.

No campo das políticas públicas, a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, instituídos pela Lei nº 11.892/2008, ampliou a oferta de ensino técnico e superior e favoreceu a interiorização da formação profissional (BRASIL, 2008). Já a extensão universitária, conforme Santos (2013), cumpre papel fundamental na articulação entre universidade e sociedade, ao promover a formação crítica e o compromisso social dos estudantes.

Do ponto de vista pedagógico, a análise apoia-se em Freire (1996), para quem a educação é sempre um ato situado, construído nas relações entre sujeitos e contextos, e que encontra na esperança e na ação transformadora a possibilidade de mudança. Ensinar, nessa perspectiva, exige compromisso com a realidade dos educandos, criticidade e abertura ao diálogo, o que confere à prática docente um sentido de resistência diante das adversidades.

Por fim, a Educação Física é compreendida como campo pedagógico articulado ao esporte, ao movimento e à cultura corporal. Betti (2009) concebe as práticas corporais como linguagem cultural que contribui para a formação integral dos sujeitos. Em projetos sociais, tais práticas configuram espaços educativos não formais, nos quais se constroem valores como disciplina, respeito e sociabilidade, além de aprendizagens éticas, sociais e motoras (CRUZ; SOUZA, 2012).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da análise foram sistematizados em cinco categorias, apresentadas e discutidas a seguir.

[1]Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, ranner.hbs@gmail.com;
[2]Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, martins.evangelista@ufam.edu.br;
[3]Profº Doutor da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, lucciofer@ufam.edu.br
[4]Profº Orientador: Doutor, do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, cleverton@ufam.edu.br

ISSN: 2358-8829

Território, deslocamento e acesso à escolarização

A trajetória do autor tem início no município de Alvarães (AM), com deslocamento para Manaus ainda na primeira infância e, mais tarde, para o município de Presidente Figueiredo (AM), em 1995. Aos seis anos de idade, iniciou-se o percurso escolar na então chamada Alfabetização, seguida do Ensino Fundamental. A conclusão da antiga 8ª série ocorreu em um contexto marcado por limitações estruturais do sistema educacional, sobretudo no que se refere à qualidade do ensino e às oportunidades de continuidade formativa nas regiões do interior amazônico.

À época, o acesso a escolas técnicas e a instituições de formação profissional exigia deslocamento para Manaus, capital em que se concentravam instituições como o CEFET, a Escola Agrotécnica e fundações voltadas ao ensino técnico. Além dos desafios materiais e afetivos de deixar o convívio familiar, era preciso enfrentar a elevada concorrência nos processos seletivos, em um contexto de expansão dos cursos preparatórios na cidade. Em 2007, o autor foi aprovado na Escola Agrotécnica Federal de Manaus, na qual cursou o Ensino Médio (2007–2009).

Esse percurso confirma o que apontam Arroyo (2014) e Hage e Barros (2010) sobre o impacto das desigualdades regionais no acesso e na permanência na educação básica e superior, sobretudo nas áreas rurais e nos municípios distantes dos grandes centros. No caso amazônico, tais desigualdades são intensificadas por fatores logísticos, como as longas distâncias, as dificuldades de transporte e a carência de infraestrutura educacional. Até 2009, o acesso ao ensino técnico e tecnológico no interior do Amazonas era extremamente restrito, e a continuidade dos estudos implicava custos financeiros elevados e afastamento familiar, condições que frequentemente resultam em evasão escolar (CAVALCANTE; WEIGEL, 2002).

A criação dos Institutos Federais, com a política de interiorização do ensino técnico e superior, ampliou de modo significativo o acesso à formação nas regiões do interior (BRASIL, 2008). Para o autor, esse processo representou um avanço importante para as gerações seguintes, ao possibilitar uma oferta educacional mais próxima das realidades locais. Ainda assim, o acesso ao ensino superior e, principalmente, à pós-graduação permanece concentrado nos grandes centros urbanos, o que limita a formação continuada de professores do interior (SILVA; RABELO; MAFRA, 2017).

[1]Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, ranner.hbs@gmail.com;
[2]Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, martins.evangelista@ufam.edu.br;
[3]Profº Doutor da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, lucciofer@ufam.edu.br
[4]Profº Orientador: Doutor, do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, cleverton@ufam.edu.br

ISSN: 2358-8829

Família, interrupções escolares e o valor atribuído à educação

A trajetória educacional dos familiares do autor é marcada por interrupções precoces da escolarização e pela inserção antecipada no mundo do trabalho, realidade recorrente no interior amazônico. Esse contexto limita o acompanhamento pedagógico e o acesso à informação, contribuindo para a reprodução de desigualdades históricas e sociais (ARROYO, 2014; HAGE; BARROS, 2010).

No âmbito familiar, a mãe do autor iniciou os estudos apenas aos 15 anos de idade, em razão da ausência de oportunidades educacionais e da necessidade de auxiliar os pais no trabalho agrícola. A escolarização foi interrompida aos 18 anos, em decorrência da maternidade, e retomada posteriormente por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Embora tenha ingressado em uma graduação na modalidade semipresencial, esse foi o limite possível dentro das condições estruturais enfrentadas. Os avós do autor, tanto paternos quanto maternos, eram analfabetos, o que evidencia um histórico familiar de exclusão educacional.

Ainda assim, a mãe compreendia o valor da educação como instrumento de transformação social. Em consonância com Freire (1996), para quem a educação possibilita a ampliação da consciência crítica e a abertura de novos horizontes, essa compreensão foi determinante para que o autor, mesmo diante de adversidades, construísse uma trajetória educacional que permitiu a chegada à pós-graduação. Percebe-se, assim, que a superação de um histórico de exclusão apoiou-se no valor atribuído à educação no âmbito familiar, em articulação com as oportunidades institucionais que se tornaram acessíveis ao longo do percurso.

Práticas corporais e a escolha pela Educação Física

A inserção em projetos sociais, como o "Cunhantanha e Curumin" e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), possibilitou ao autor o contato com práticas corporais como o futsal, a capoeira e o Karate-dō. Tais experiências configuraram-se como espaços educativos não formais, fundamentais para a formação ética, social e motora e responsáveis pela construção de valores como disciplina, respeito e sociabilidade (CRUZ; SOUZA, 2012).

A Educação Física emerge, nesse contexto, como campo pedagógico articulado ao esporte, ao movimento e à cultura corporal. Conforme Betti (2009), as práticas corporais constituem linguagem cultural que contribui para a formação integral dos sujeitos. O esporte, especialmente o Karate-dō e o futsal, foi decisivo para a escolha da profissão de professor de

[1]Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, ranner.hbs@gmail.com;
[2]Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, martins.evangelista@ufam.edu.br;
[3]Profº Doutor da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, lucciofer@ufam.edu.br
[4]Profº Orientador: Doutor, do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, cleverton@ufam.edu.br

ISSN: 2358-8829

Educação Física, o que mostra que a formação docente do autor teve origem muito antes da graduação, nas vivências corporais que o acompanham desde a infância.

Universidade, extensão e cientificidade do esporte

O ingresso no curso de Educação Física, no município de Parintins (AM), permitiu ao autor vivenciar a universidade por meio da participação em projetos de extensão, como o PACE e o PIBEX, nos quais atuou como monitor nas práticas corporais do Karate-dō. A extensão universitária, conforme Santos (2013), articula universidade e sociedade e promove a formação crítica e o compromisso social dos estudantes. No caso analisado, ela converteu uma prática vivida desde a infância em objeto de intervenção pedagógica e, posteriormente, de investigação acadêmica.

A cientificidade do esporte surge, nesse percurso, como possibilidade de valorização acadêmica das práticas corporais vivenciadas ao longo da trajetória pessoal. O Karate-dō, enquanto prática esportiva e cultural, apresenta significativo potencial como objeto de investigação, ao articular educação, formação humana e cultura corporal. Essa compreensão orientou o TCC da Licenciatura em Educação Física, que adotou o Karate-dō como eixo central e teve como foco o desenvolvimento motor de crianças participantes de projeto universitário.

No âmbito do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ) da UFAM, em Parintins, o autor coordenou o Projeto Karate-dō, que contribuiu para a formação motora de crianças, adolescentes e adultos. A pesquisa empregou o protocolo TGMD-2 (*Test of Gross Motor Development*), instrumento validado para a avaliação do desenvolvimento motor (ULRICH, 2000), tendo como público-alvo os alunos do projeto. Além disso, foi elaborado um caderno pedagógico das práticas de Karate-dō, destinado a professores interessados em inserir a modalidade em suas aulas, mesmo sem domínio técnico específico, o que fortalece a difusão pedagógica da prática e amplia seu alcance para além do ambiente do projeto.

Docência na zona rural: precariedade e reinvenção pedagógica

A atuação como professor de Educação Física na zona rural de Presidente Figueiredo (AM) evidenciou os desafios da educação amazônica, como a precariedade da infraestrutura, a escassez de materiais didáticos e as dificuldades de acesso. A prática docente, entretanto, configurou-se como espaço de resistência, compromisso social e reinvenção pedagógica (FREIRE, 1996; HAGE; BARROS, 2010).

[1]Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, ranner.hbs@gmail.com;
[2]Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, martins.evangelista@ufam.edu.br;
[3]Profº Doutor da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, lucciofer@ufam.edu.br
[4]Profº Orientador: Doutor, do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, cleverton@ufam.edu.br

ISSN: 2358-8829

A experiência revelou que a educação na Amazônia exige flexibilidade metodológica, sensibilidade cultural e profundo compromisso com a realidade local. Como afirma Arroyo (2014), não é possível pensar a educação sem considerar os sujeitos concretos e seus territórios. Ser professor nesse contexto implica atuar entre múltiplas demandas sociais, tecnológicas e humanas, buscando ofertar um ensino de qualidade a uma geração marcada por transformações aceleradas, mas ainda profundamente conectada ao território e à cultura do "chão batido" que sustenta seus passos.

Nesse sentido, ser professor na Amazônia assemelha-se ao trabalho de um malabarista, que se equilibra em várias cordas sem deixar a peteca cair. Trata-se de uma educação que percorre vários caminhos e vários nortes, em que não é possível ficar preso a uma única metodologia, pois o ensino vai se moldando de lugar para lugar. Ele se constrói em meio aos sorrisos e às mazelas que marcam a zona rural, às dificuldades estruturais e às dificuldades familiares que ecoam nos corredores e nas salas de aula da escola. Tal cenário reafirma, na perspectiva de Nóvoa (1995), que a dimensão pessoal e a história de vida do professor integram o modo como ele exerce a profissão.

Síntese analítica

Em conjunto, as cinco categorias revelam um movimento coerente: o território impõe barreiras ao acesso; a família sustenta o valor atribuído à educação; as práticas corporais oferecem espaços formativos alternativos; a universidade, por meio da extensão e da pesquisa, converte essas vivências em conhecimento; e a docência rural devolve esse conhecimento ao território de origem. Esse ciclo, construído a partir de uma experiência singular, dialoga com os achados da literatura e reforça a leitura de que, na Amazônia, formar-se e formar outros é, simultaneamente, um ato de enfrentamento das desigualdades e de afirmação do território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da trajetória formativa do autor evidencia que a educação na Amazônia é um fenômeno complexo, atravessado por dimensões históricas, culturais, territoriais e identitárias, e que o acesso ao conhecimento depende, em grande medida, das condições materiais, das distâncias a serem vencidas e das políticas públicas que alcançam, ou não, o interior. O percurso narrado mostra que a continuidade dos estudos exigiu um espírito desbravador, caracterizado

[1]Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, ranner.hbs@gmail.com;
[2]Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, martins.evangelista@ufam.edu.br;
[3]Profº Doutor da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, lucciofer@ufam.edu.br
[4]Profº Orientador: Doutor, do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, cleverton@ufam.edu.br

pela disposição para o deslocamento, pela superação de barreiras geográficas e sociais e pelo enfrentamento das desigualdades estruturais.

Os resultados indicam, ainda, que a resistência não se constitui apenas no plano individual. Ela se sustenta no valor que a família atribui à educação, em políticas de interiorização como a criação dos Institutos Federais, nas práticas corporais vividas em projetos sociais e na extensão universitária, que ampliaram as possibilidades formativas do autor. Em consonância com Freire (1996), é na esperança e na ação transformadora que se constrói a possibilidade de mudança. Assim, a persistência no caminho formativo revela-se como estratégia de resistência e de construção de novos horizontes para a educação amazônica. Como quem atravessa o banzeiro, a agitação das águas dos rios da região, o autor acredita que, ao final da travessia, o caminho conduz à sabedoria.

Como contribuição, o trabalho oferece um registro situado sobre a educação amazônica e reafirma a importância de considerar os sujeitos e os territórios na formulação de políticas e práticas educativas, bem como de valorizar a Educação Física e o esporte como campos de formação humana e de produção de conhecimento. O caderno pedagógico de Karate-dō ilustra, nesse sentido, como é possível transformar uma vivência pessoal em material de apoio à prática docente.

Por se tratar de um relato autobiográfico, os resultados não podem ser generalizados e expressam um ponto de vista particular sobre uma realidade diversa. Recomenda-se, por isso, o desenvolvimento de novas pesquisas que ouçam outros sujeitos do interior amazônico, investiguem os efeitos da interiorização do ensino técnico e superior sobre o acesso e a permanência, analisem as condições de formação continuada de professores que atuam em zonas rurais e aprofundem o potencial das práticas corporais, em especial das lutas, como objeto de ensino, extensão e pesquisa.

Palavras-chave: Educação na Amazônia; Trajetória formativa; Educação Física; Interiorização, Resistência.

[1]Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, ranner.hbs@gmail.com;
[2]Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, martins.evangelista@ufam.edu.br;
[3]Profº Doutor da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, lucciofer@ufam.edu.br
[4]Profº Orientador: Doutor, do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, cleverton@ufam.edu.br

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre**: imagens e autoimagens. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BETTI, Mauro. **Educação Física e cultura corporal**. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 dez. 2008.

CAVALCANTE, L. I. P.; WEIGEL, V. A. C. M. **Educação na Amazônia**: oportunidades e desafios. Belém: EDUFPA, 2002.

COLARES, A. A. A história da educação na Amazônia. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, 2011.

COLARES, A. A.; COLARES, M. L. I. S. Diversidade cultural no contexto amazônico. *In*: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO (ANPAE), 2011.

CRUZ, Marinalva; SOUZA, Antônio Carlos. Esporte e formação social: práticas corporais em projetos sociais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 287-300, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HAGE, Salomão Mufarrej; BARROS, Oscar Ferreira de. Educação do campo na Amazônia: desafios e perspectivas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 805-822, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, A. D. P.; RABELO, N. M.; MAFRA, J. R. S. **Pesquisas educacionais e tecnologias na Amazônia**. Santarém: UFOPA, 2017.

ULRICH, Dale A. **Test of Gross Motor Development**: TGMD-2. 2. ed. Austin: Pro-Ed, 2000.

[1]Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, ranner.hbs@gmail.com;
[2]Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, martins.evangelista@ufam.edu.br;
[3]Profº Doutor da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, lucciofer@ufam.edu.br
[4]Profº Orientador: Doutor, do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE-UFAM, cleverton@ufam.edu.br